

SÓCRATES, IVAN ILITCH E A EXPERIÊNCIA DO PENSAR FILOSÓFICO

* *José Valdinei Albuquerque Miranda*

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo discutir a experiência do pensar filosófico a partir da obra *A morte de Ivan Ilitch* de Lev Tolstói e *Apologia de Sócrates* de Platão. Com estilos diferentes, esses escritos abordam o tema da experiência filosófica, tendo como horizonte de análise a proximidade da morte. Portanto, encontramos nestas duas experiências, um pensar filosófico que se volta para problematizar o sentido da vida em um tempo de proximidade da morte. A experiência de Ivan Ilitch direciona-se a uma profunda análise filosófica de sua existência, permitindo colocar em questão a condição de liberdade e aprisionamento do homem moderno, enquanto que a experiência filosófica de Sócrates nos deixa como herança a sua autêntica preocupação ética com a formação dos jovens atenienses e o valor de uma vida justificada filosoficamente.

PALAVRAS-CHAVE: Sócrates. Ivan Ilitch. Experiência filosófica.

A MORTE COMO ALTERIDADE INDESEJADA

Na novela “*A morte de Ivan Ilitch*” o escritor Russo Lev Tolstói descreve de maneira brilhante a experiência de um homem bem-sucedido na sua vida profissional, que ao longo de sua carreira exerce os melhores cargos dentro do poder judiciário, mas que em certo momento de sua vida começa a perceber que está acometido de uma doença desconhecida. Passa a sentir com frequência alguns sintomas em seu corpo, as dores agudas na região abdominal e a boca seca como solo do deserto tornam-se cada vez mais permanentes e intensas. Com o decorrer do tempo Ivan Ilitch toma consciência de que a doença desconhecida faz aproximá-lo de sua morte.

A morte como esse outro distante, desconhecido e indesejado, que lutamos permanentemente por afastar-nos de sua vizinhança, indica nos sintomas do corpo de Ivan Ilitch as marcas de sua finitude e a visitação de uma hóspede inoportuna e indesejada. A morte como uma alteridade indesejada, como um outro incompreensível que lutamos permanentemente para não estabelecer qualquer relação de proximidade, logo ela, agora lenta e silenciosamente estreita cada vez mais seus laços com Ivan Ilitch. Soturnamente, essa hóspede indesejada produz um estado de angústia e incompreensão. Aos poucos a consciência

* Doutor em educação pela UFRGS. Professor da Universidade Federal do Pará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (UFPA/PPGEDUC). Vice-coordenador do Grupo ANARKHOS PHILIA – Arte, Filosofia e Linguagem na Educação. E-mail: jneimiranda@ufpa.br

do fim de sua vida se faz mais presente. Começa gradativamente a perceber que “o caso não está no ceco, nem no rim, mas na vida e na morte” (TOLSTOI, 2009, p.46). Nesse momento, questões mais densas e profundas de sua existência afloram em meio a aparição sintomática daquela inoportuna doença. A consciência de sua proximidade da morte leva-o a perguntar sobre a contingência e a finitude de sua vida: “Eu não existirei mais, o que existirá então?” (TOLSTOI, 2009, p.47). A consciência da morte desestabiliza as bases de sustentação de Ivan Ilitch, a proximidade da morte coloca em questão o próprio sentido de sua existência e o remete a uma profunda autoanálise filosófica de sua vida.

A morte o desterra para o real sentido da vida, para a qual ele só encontra justificativa na infância. Ali, longe da ideologia burguesa, ainda era possível experimentar algo verdadeiramente agradável, só que o homem capaz de experimentá-lo já não existia: existia outro Ivan Ilitch, que transformara aquelas antigas alegrias, aquela antiga sensação de vida verdadeira em algo fútil e amíúde objeto. Ele passa em revista toda sua vida, e constata que quanto mais vivia mais ia sendo arrastado pelo ramerrão, por um ciclo de morte centrado na família, no trabalho, no dinheiro, na opinião pública. (BEZERRA, 2010, p. 148-9).

Em meio a esse sentimento de angústia e busca pelo sentido da vida, uma sensação de desespero e incompreensão frente a morte toma conta de seus pensamentos: “Ivan Ilitch via que estava morrendo, e o desespero não o largava mais. Sabia no fundo da alma, que estava morrendo, mas não só não se acostumara a isto, como simplesmente não o compreenderia, não podia de modo algum, compreendê-lo” (TOLSTOI, 2009, p.47). A proximidade com um tempo de morte deslocava-o para uma zona cinzenta de incompreensão como jamais havia sentido durante toda sua existência. Achava que jamais iria se deparar com algo que estivesse para além de seu entendimento racional, ou viver uma experiência que não pudesse de algum modo exercer sobre ela qualquer controle e domínio. A morte se apresentava para Ivan Ilitch como a visitaçã de uma hóspede indesejada, como a irrupçã de um outro inesperado, um outro incompreensível e desconhecido a todo o seu entendimento. Frente à morte, a fortaleza de Ivan Ilitch desmoronava, aquele homem de prestígio, mando e poder se via pela primeira vez impotente, exposto, vulnerável. Essa condiçã de extrema vulnerabilidade lhe afetava de maneira desesperadora e insuportável.

A NUDEZ DA RELAÇÃO COM O OUTRO: IVAN ILITCH E A BUSCA PELO SENTIDO DA VIDA

A convivência de Ivan Ilitch com Guerássim, seu criado, ajudante de copeiro, um homem que se dedicava a cuidar de sua doença, limpava o seu banheiro, lhe dava banho, um homem simples que procurava fazer seus afazeres da forma mais humilde, verdadeira e honesta possível, permite a Ivan Ilitch viver a experiência de uma nova relação com o outro ainda não experimentada. Na condição de um homem enfermo, frágil e doente encontrava-se constantemente desprezado pelos seus familiares e amigos, vivendo a experiência de um homem desprezado recolhia-se à solidão de seu quarto. Nesses momentos de abandono e solidão, “[...] o único socorro amigo e desinteressado que ele recebe é o do criado Gerrássim, homem do povo, único ser humano real em sua casa e que por estar fora do sistema, vê a morte com absoluta naturalidade. Só Gerássim preenche a terrível solidão em que ele se encontra” (BEZERRA, 2010, p.147).

Certo dia, Ivan Ilitch comentando algo com seu criado, diz: “Eu me sinto melhor quando os meus pés estão mais levantados”, logo após, então lhe pede: “Segure um pouco meus pés no alto, pode ser? O criado atendeu prontamente a ordem do patrão; ao realizar o gesto de levantar a perna”, Guerássim percebeu que aquele homem se sentia bem melhor com relação as dores: “Guerássim fazia isso com leveza e bom grado, com uma simplicidade e uma bondade que deixava Ivan Ilitch comovido”. Pensamentos mais confortáveis passavam a habitar a sua cabeça. “A saúde, a força, a vitalidade de todas as demais pessoas, ofendiam Ivan Ilitch, somente a força e a vitalidade de Guerássim não o entristeciam e sim acalmavam-no” (TOLSTOI, 2009, p.55).

Seu conforto durante a noite necessitava da ajuda desse outro homem que era Guerássim, isso causava um incômodo e uma preocupação em Ivan Ilitch quando das longas jornadas de trabalho de seu fiel criado, acordado segurando a sua perna levantada para o alto, o desconforto, as noites de sono e o trabalho dedicado do criado causava em Ivan Ilitch um certo constrangimento e uma sensação de exploração do trabalho alheio; esse constrangimento, entretanto, sempre obtinha como resposta a fala do caseiro: “Faça o favor de não se inquietar, Ivan Ilitch, eu vou ter tempo de dormir”. Essa resposta soava como algo desconhecido, novo e incompreensivo aos ouvidos de Ivan Ilitch, uma resposta que o remetia a uma relação ainda não experimentada em sua história de vida, o gesto de cuidado do outro e a bondade desinteressada lhe chegavam em um momento de dor e sofrimento como um convite e abertura para viver uma nova relação com este homem a sua frente, um homem simples e até certo tempo atrás invisível aos olhos de Ivan Ilitch. Em meio as dores sentidas

em seu corpo e o desconforto de seus pensamentos “as relações com Guerássim confortavam-no” (TOLSTOI, 2009, p. 57).

Em um tempo próximo da morte, Tolstoi descreve a possibilidade de construção de uma nova relação com o outro, uma relação pautada no cuidado e na preocupação com o sofrimento, a dor e o destino alheio. Fala do encontro e da abertura para uma nova relação ética. Ivan Ilitch no final de sua vida é capaz de aprender com Guerássim o sentido ético da relação com o outro. Como que se de alguma forma estivesse inscrito nos atos de Guerássim uma sabedoria e uma virtude de um homem simples que em grande parte de sua vida era invisível aos olhos de Ivan Ilitch. Aquele homem invisível, imperceptível aos olhos de Ivan Ilitch repentinamente, de modo alheio ao seu entendimento lhe ensinava através da grandeza de seus gestos a bondade e a virtude de um homem simples. Guerássim sem pronunciar qualquer palavra sobre princípios éticos universais lhe mostrava com a bondade de seus gestos o sentido e a dimensão ética da relação com o outro.

A sensação de conforto das dores era momentânea, Ivan Ilitch necessitava ficar um momento sozinho como quem buscasse, no silêncio do seu quarto, encontrar a si mesmo. Na tentativa de encontrar a si mesmo “chorava a sua impotência, a sua terrível solidão, a crueldade dos homens, a crueldade de Deus, a ausência de deus” (TOLSTOI, 2009, p. 66). Na solidão de seu quarto perguntava desesperadamente o porquê de tudo aquilo: “Para quê fizeste tudo isso? Para quê me trouxeste aqui? Para quê, para quê me torturas tão horripelantemente”? (TOLSTOI, 2009, p. 66).

Esses longos e intensos questionamentos eram, logo em seguida, interrompidos por um silêncio que lentamente buscava encontrar a sua dimensão mais profunda e desconhecida. Autoquestionamento e silêncio habitavam o coração de Ivan Ilitch, nesse fluxo permanente de sensações, desesperadamente lançou sobre si mesmo intensos questionamentos, perguntas profundas pelo sentido da vida, razões que justificassem sua existência e “depois sossegou, deixou não só de chorar, mas suspendeu o fôlego e fez-se todo atenção: era como se atentasse não na voz que falava por meio de sons, mas na voz do espírito, na sequência dos pensamentos, que se erguiam nele” (TOLSTOI, 2009, p. 66). Sua atenção se direcionava à escuta de uma voz interior, como aquela descrita por Platão em seus escritos e diálogos filosóficos. Momento em que o diálogo não se volta para a exterioridade da interlocução com o outro, mas ao árduo exercício de questionar a si mesmo, momento em que o diálogo se realiza na interioridade do ser. O diálogo interior como a experiência do encontro consigo mesmo, como autoquestionamento de sua existência. Eis o diálogo interior

no qual Ivan Ilitch repentinamente vê-se envolvido, na desesperada busca para encontrar o sentido de sua existência, Ivan Ilitch necessitava analisar a sua própria vida como caminho e possibilidade de encontrar a si mesmo.

Na condição de um homem frágil e vulnerável, vivendo no silêncio e na solidão do seu quarto, Ivan Ilitch constrói um cenário de encontro com o seu outro e com isso tece um autêntico diálogo consigo. Perguntas de sua voz interior reverberam constantemente nos seus ouvidos tirando-o da tranquilidade de sua existência e mantendo-o num permanente estado de desassossego e busca pelo sentido da vida.

O que precisas? Precisas do quê? Repetiu para si mesmo. Do quê? – Não sofrer. Viver – respondeu ele.

- Viver? Viver como? - Perguntou a voz do espírito.

- Sim, viver como vivi antes: bem agradavelmente.

- Como viveste antes, bem agradavelmente? - Perguntou a voz. E ele começou a examinar na imaginação os melhores momentos de sua vida agradável. Mas, fato estranho, todos estes momentos de uma vida agradável pareciam agora completamente diversos do que pareceram então. Tudo exceto as primeiras recordações da infância. Lá, na infância, existia algo realmente agradável, e com que se poderia viver, se aquilo voltasse. Mas não existia mais o homem que tivera aquela experiência agradável: era como que a recordação sobre alguma outra pessoa. (TOLSTOI, 2009, p. 66-7)

Desejando encontrar sentido à sua existência no mundo, Ivan Ilitch relembra alguns acontecimentos e experiências que marcaram sua vida, através das lembranças inscritas em sua memória, os labirintos de sua própria existência se desvelam diante de si em um cenário repleto de alegria, desejo, felicidade, ambição, sucesso, realização, artificialidade, convenção, fingimento, sofrimento, angústia e dor. No encontro com sua distante infância percebe-se um homem adulto e sem afeto; nos vestígios de sua juventude e início de sua carreira profissional reconhece os germes de um futuro homem burocrata a serviço do cumprimento das leis do estado; na longa experiência do matrimônio identifica uma vida entregue à artificialidade, ao apego exagerado dos objetos, à vaidade, ao fingimento e uma série de rotinas e roteiros que seguem os preceitos exigidos pelas obrigações das convenções familiares e sociais. Nas experiências de sua vida atual “tudo o que parecia então ser alegria derretia-se aos seus olhos, transformando-se em algo desprezível e frequentemente asqueroso” (TOLSTOI, 2009, p. 67). Isso tudo o leva a compreender que quanto mais se aproxima de sua maturidade e do sucesso de sua vida profissional, mais se afasta dos momentos agradáveis, felizes e prazerosos de sua infância e juventude. “À medida que sobe a escada burocrática, vai assimilando a alma burocrática e perdendo a pouca seiva de vida que ainda lhe rega a alma

original, diluindo-se no formalismo vazio e desumano do meio jurídico e esterilizando sua pouca afetividade” (BEZERRA, 2010, p. 142). Nas lembranças dos momentos agradáveis e felizes de sua infância Ivan Ilitch não se reconhece mais.

E quanto mais longe da infância, quanto mais perto do presente, tanto mais insignificantes e duvidosas eram as alegrias. A começar pela Faculdade de direito. Ali ainda havia algo verdadeiramente bom: havia a alegria, a amizade, as esperanças. Mas, nos últimos anos, esses momentos bons já eram mais raros. Depois, no tempo do seu primeiro emprego, junto ao governador, surgiam de novo momentos bons: eram as recordações do amor a uma mulher. A seguir, tudo isto se baralhava, e sobravam ainda menos coisas boas. Adiante, ainda menos, e, quanto mais avançava, mais elas minguavam.

O matrimônio... tão involuntário, e a decepção, o mau hábito da mulher, a sensualidade, o fingimento! E aquele trabalho morto, e as preocupações de pecúnia, e assim um ano, dois, dez, vinte – sempre o mesmo. E quanto mais avançava a existência, mais morto era tudo. ‘Como se eu caminhasse pausadamente, descendo a montanha, e imaginasse que a estava subindo. Foi assim mesmo. Segundo a opinião pública, eu subia a montanha, e na mesma medida a vida saía de mim... E agora, pronto, morre!’ (TOLSTOI, 2009, p. 67).

Entretanto, mesmo percebendo em sua autoanálise momentos de uma existência “asquerosa e sem sentido” ainda reverbera permanentemente nos pensamentos de Ivan Ilitch a luta incansável pela busca do sentido da vida. Questiona o absurdo e o sem sentido das coisas como que, de alguma forma, aos seus olhos, uma vida merecesse ser justificada e digna de ser vivida. Eis o árduo desafio e embate que Ivan Ilitch se lança: Na proximidade de um tempo de morte encontrar o sentido, a autenticidade e a dignidade de sua vida.

Mas o que é isto? Para quê? Não pode ser. A vida não pode ser assim sem sentido, asquerosa. E se ela foi realmente tão asquerosa e sem sentido, neste caso, para quê morrer, e ainda morrer sofrendo? Alguma coisa não está certa. ‘Talvez eu não tenha vivido como se deve – acudia-lhe de súbito à mente. – Mas como não, se eu fiz tudo como é preciso?’ – Dizia de si para si, e no mesmo instante repelia esta única solução de todo o enigma da vida e da morte, como algo absolutamente impossível.

‘E o que tu queres agora? Viver? Viver como? Viver como tu vives no tribunal, quando o meirinho proclama: Está aberta a sessão! Está aberta a sessão’ – repetiu consigo. – ‘Aí está o julgamento! Mas eu não tenho culpa!’ – Exclamou com raiva. – Por quê? – Parou de chorar e, voltando o rosto para a parede, pôs-se a pensar sempre no mesmo: por quê, por que todo esse horror?

Mas, por mais que pensasse, não encontrou resposta. E quando lhe vinha o pensamento, e vinha-lhe com frequência, de que tudo aquilo ocorria porque ele não vivera como se devia, lembrava no mesmo instante toda a correção da sua vida e repelia esse pensamento estranho. (TOLSTOI, p. 67-68).

Os dias prolongam-se na solidão de seu quarto, passam-se dias, várias semanas até que dois acontecimentos marcam o final de sua vida. Certo dia algo de novo aconteceu, recebeu o convite de casamento de sua mulher, aceitou passivamente o pedido como um indicativo de que aos olhos de sua mulher e demais pessoas de sua convivência, a percepção de sua morte, agora era algo próximo, certo e derradeiro. No momento do sim “a expressão do seu rosto fora terrível”. Logo após o aceite solicitou a todos que se retirassem, pois, seu desejo era ficar sozinho novamente:

- Vão embora, vão embora, deixem-me!

A partir desse instante, começaram aqueles gritos, que duraram três dias a fio e que eram tão terríveis a ponto de não se poder ouvi-los sem um sentimento de horror, mesmo atrás de duas portas. (TOLSTOI, 2009, p.74).

Sozinho no seu quarto, em meio aos gritos desesperados, um silêncio lhe toma por inteiro, de repente percebe o seu caminhar em direção à morte como um momento de dupla libertação, em um tempo próximo estaria ele livre da dor insuportável e do sofrimento terrível, como também libertaria, daquele incômodo, seus familiares e os outros em sua volta. Como se gritasse para o mundo inteiro ouvir: - Basta de sofrimento, chega de viver essa vida de dor, preciso partir é chegado o momento de “libertá-los e libertar a si mesmo desses tormentos” (TOLSTOI, 2009, p.76). Nesse momento acontece algo novo em seu quarto, Ivan Ilitch é surpreendido pela visita inesperada de seu filho. Essa visita inesperada permite a construção de uma relação direta, desnuda de todas as artificialidades sociais, enfim, um contato de carícia e afeto passava a habitar aquela casa. “O pequeno ginasião esgueirou-se, sem fazer ruído, até o pai e acercou-se da sua cama. A sua mão toca a cabeça do pequeno ginasião. Este agarrou-a, apertou-a contra os lábios e chorou. Sentiu que alguém lhe beijava a mão. Era o filho”. (TOLSTOI, 2009, p.76). Ivan Ilitch no último momento antes da morte liberta-se de todas as convenções e artificialidades e vive na nudez da relação face a face com seu filho, uma experiência de proximidade, contato e afeto, como ainda não havia experimentado antes.

Além da experiência direta de contato e proximidade com seu filho, Ivan Ilitch também experimenta o encontro consigo por meio do diálogo com a voz interior de seu espírito. Platão fala de um diálogo com a voz interior da alma, uma experiência de diálogo que travamos em busca do “aperfeiçoamento da alma” e da autocompreensão de nossa existência no mundo. Um “diálogo interior” que mantém simultaneamente o distanciamento e o encontro consigo mesmo, como caminho e possibilidade de vislumbrar o sentido e

autenticidade da vida. Na *Apologia de Sócrates* esse diálogo é descrito por meio de uma “voz interior” que acompanha o filósofo em diferentes momentos de sua vida, mas que no instante decisivo de seu caminhar rumo ao tribunal para realizar a sua defesa, momento em que Sócrates caminha na corda estendida sobre o abismo sem maiores proteções, esse “demônio familiar”, essa voz interior não lhe direciona a palavra, sinalizando para Sócrates uma justificativa ética de seu agir e um sentido filosófico de sua existência. Sócrates afirma:

Com efeito juízes – sim, dar-vos o nome de juízes é dizer o que realmente sois - passou-se comigo alguma coisa maravilhosa. Durante toda a minha vida o sinal costumeiro de meu demônio familiar não deixou de manifestar-se, muitas vezes, para opor-se-me até mesmo nas menores coisas, sempre que eu me encontrava na iminência de proceder com desacerto. Agora, como vistes, aconteceu isto comigo, que para muita gente poderia ser considerado o maior dos males, como de fato já tem sido. No entanto, o sinal do deus não me advertiu nem quando me dirigia para este tribunal, nem em qualquer altura de minha defesa, ao preparar-me para dizer alguma coisa, apesar de em muitas outras ocasiões me ter ele cortado o fio do discurso. Hoje, pelo contrário, em toda a marcha do processo, não se opôs a nenhum dos meus atos e palavras. Como explicar semelhante fato? Vou dizer-vos: É que, sem dúvida, foi para bem tudo o que se passou comigo, não havendo hipótese de estarmos certos, quando imaginamos ser a morte um grande mal. O que me aconteceu agora vale como argumento decisivo. Não é possível que o sinal costumeiro não me tivesse contrariado, se o que eu me dispunha a fazer não fosse bom. (PLATÃO, 2001, p.144-45).

Assim como em Sócrates, através das lembranças inscritas em sua memória, Ivan Ilitch também expressa um pensar que se volta sobre sua vida e a condição existencial do homem moderno. Por meio de uma experiência de análise existencial descreve a artificialidade e o jogo de interesses, bem como a falsidade das relações sociais e a formalidade da vida familiar em que permanece envolvido.

A vida conjugal não se associa a afeto, mas a objetos materiais e conforto, e só é suportável enquanto transcorre de modo leve, agradável, alegre e decente, conforme seu lema filosófico, tem a aprovação da sociedade e está presa àquela decência das formas exteriores determinadas pela opinião pública (BEZERRA, 2010, p. 142).

Além do apego aos objetos, nosso herói leva uma vida movida por um jogo de interesses em busca de promoções, premiações e apego a uma vida artificial de jantares e convenções, todos esses arranjos visam sempre o sucesso em sua realização pessoal e ascensão profissional. Mais do que qualquer outra coisa desejava assemelhar-se às pessoas da alta classe social que idealizou pertencer um dia.

Quanto aos prazeres de Ivan Ilitch, consistiam nos pequenos, jatares para os quais ele convidava senhoras e cavalheiros de elevada posição social, e essa maneira de passar o tempo com eles assemelhava-se à maneira habitual pela qual estes o passavam, de tal modo como a sua sala de visita assemelhava-se a todas as salas de visitas (TOLSTOI, 2009, p 34).

Para Bezerra (2010, p.146) Ivan Ilitch manteve-se constantemente empenhado na sua carreira para assemelhar-se ao “outro socialmente desejado, mas consegue tão-somente repetir o caminho de seus semelhantes de carreira e ser igual a eles”. Entretanto não percebe esse fato, mantendo sua subjetividade em estado de felicidade com os benefícios advindos de sua nova função. Esse “outro socialmente desejado” aos poucos fazia sua inscrição na subjetividade de Ivan Ilitch, delineando no plano de sua vida profissional e familiar os rumos de sua existência. Ivan Ilitch em sua juventude já se demonstrava obediente aos seus superiores e a sua mulher, além de fazer tudo que manda as formalidades da vida burocrática e as convenções da alta sociedade e de seus superiores. “Todo o interesse da existência concentrou-se para ele no mundo judiciário. E este interesse absorvia-o” (TOLSTOI, 2009, p. 26). Para Bezerra (2010), juntamente a essa adaptabilidade a todas as vicissitudes da burocracia e obediência aos seus superiores soma-se um lema adotado como orientação de sua vida: “conduzir a vida de modo agradável e decente”. Segue esse lema como a sua verdadeira filosofia de vida a ponto de ser reconhecido como “uma pessoa inteligente, viva, agradável e decente” (TOLSTOI, 2009, p.18). Nesses termos, para Ivan Ilitch, viver seria viver agradavelmente, a felicidade consistia em evitar problemas profissionais, situações desagradáveis, momentos de angústias, aflições e sofrimentos e nunca pensar na morte.

Retratos de sua vida descortinavam-se subitamente em sua memória. A memória de Ivan Ilitch lhe remete à nudez de sua existência, o encontro com momentos de sua infância e juventude lhe fazem pensar na única vida da qual é possível rememorar. Entretanto, essa vida da qual viveu se revelava como uma vida não autêntica, como quase uma farsa, uma mentira, um verdadeiro teatro de ilusões repleto de personagens artificiais e sem vida. Por meio de um exercício de questionamento e autoanálise Ivan Ilitch escava os porões do passado de sua existência e nele percebe uma vida repleta de afazeres burocráticos com raros vestígios de momentos alegres e felizes.

A FILOSOFIA COMO HERANÇA: SÓCRATES E A AUTENTICIDADE DE UMA VIDA FILOSÓFICA

O exercício de questionamento sobre si mesmo realizado por Ivan Illich aproxima-se por aspectos diferentes daquilo que encontramos na *Apologia de Sócrates*, quando o filósofo em um exercício de autoanálise, justifica a sua existência por meio da atitude filosófica, afirma o sentido de sua existência ancorado em uma vida repleta de conversas com os jovens e exames dos concidadãos atenienses nos espaços públicos; uma vida justificada filosoficamente pelo exercício permanente do diálogo com os jovens em busca do aperfeiçoamento da alma, fazendo desse ofício filosófico o próprio sentido e justificativa de sua vida. Na *Apologia de Sócrates* encontramos a afirmação da vida ligada a um permanente caminhar dialógico com os outros, uma vida que se tece por meio da atitude filosófica. Uma vida filosófica como um modo singular de construir sua existência no mundo. Diz Sócrates:

Sócrates, não daremos atenção a Ânito; vamos absolver-te, com a condição de parares com essa investigação e não te dedicares de hoje em diante à filosofia; porém, se fores mais uma vez apanhado nessa prática, morrerás por isso; se me absolvêsseis, como vos disse, sob essa condição, eu vosalaria nos seguintes termos: Estimo-vos, atenienses, e a todos prezo, porém sou mais obediente aos deuses do que a vós, e enquanto tiver alento e capacidade, não deixarei de filosofar e de exortar a qualquer de vós que eu venha a encontrar, falando-lhe sempre na minha maneira habitual: Como se dá, caro amigo, que, na qualidade de cidadão de Atenas, a maior e a mais famosa cidade, por seu poder e sabedoria, não te envergonhes de só te preocupares com o dinheiro e de como ganhar o mais possível, e quanto à honra e à fama, a prudência e à verdade, e à maneira de aperfeiçoar a alma, disso não cuidas nem cogita? No caso, porém de convencer-me de que é carente de virtude, embora diga o contrário, repreendê-lo-ei por dar pouca importância ao que é de mais valor e ter em alta estima o que de nada vale. Assim procederei com quantos encontrar: moço ou velho, estrangeiro ou meu concidadão. Sim, primeiro com estes, por me serdes mais próximos pelo sangue. É o que me ordena fazer a divindade, bem o sabeis, estando eu convencido de que nunca nesta cidade vos tocou por sorte maior bem do que o serviço por mim a ela prestado. Outra coisa não faço senão perambular pela cidade para vos persuadir a todos, moços e velhos, a não vos preocupardes com o corpo nem com riquezas, mas a pordes o maior empenho no aperfeiçoamento da alma, insisto em que a virtude não é dada pelo dinheiro, mas o inverso: da virtude é que provém a riqueza e os bens humanos em universal, assim públicos como particulares. [...] Por isso, atenienses, vos direi: quer obedeçais a Ânito quer não; quer me absolvais quer não, ficai certos de que jamais procederei de outra maneira, ainda que tenha de morrer mil vezes”. (PLATÃO, 2001, p.130-131)

Em Sócrates, vida e filosofia compõem a singularidade de uma existência. Uma vida filosófica que se justifica mesmo após a morte, pois se a morte é uma mudança e

uma passagem da alma deste lugar para outro, um trânsito daqui para um lugar diferente em que se encontram todos os mortos, replica: “Que maior bem poderá haver, senhores juízes? Ter a oportunidade e a honra de conversar e examinar aqueles que estão lá” (p. 146). Considera Sócrates:

Sim, meu maior prazer consistira em passar todo o tempo a examinar e interrogar os de lá, como fiz com os daqui, para ver qual deles é realmente sábio e qual se considera sábio sem que o seja. Quanto não daria qualquer pessoa, senhores juízes, para examinar ao que levou o grande exército para Tróia, ou a Odisseu, ou a Sísifo, ou a tantos outros homens e mulheres que se poderia mencionar? Conviver com eles, conversá-los e examiná-los: que indiscutível felicidade! Decerto não matam lá ninguém por isso, pois, além de serem os que lá demoram mais felizes dos que os daqui, são imortais o tempo todo, a ser verdade o que nos contam. (PLATÃO, 2001, p.146)

Diferentemente de Sócrates, que encontra no exercício da filosofia indícios de uma vida autêntica, a autoanálise de Ivan Illich produzia em seu corpo uma experiência de angústia, além de um misto de desilusão e vergonha frente a si mesmo. Mas, como que em algum lugar de seu coração guardasse de todos e até de si mesmo o desejo de viver uma vida que não era possível rememorar, desejos de uma vida não vivida habitavam a sua mente como fantasmas em busca de saída. O outro de Ivan Illich mantinha aberto em seu coração o inquietante questionamento por uma vida que era impossível de rememorar, sua memória não era capaz de lembrar de uma vida que não foi capaz de viver. Esse reverberar sobre o sentido de sua existência aproximava-o das palavras do poeta ao dizer “uma vida vivida, muitas não vividas”.

Tenho tanto sentimento
Que é frequente persuadir-me
De que sou sentimental,
Mas reconheço, ao medir-me,
Que tudo isso é pensamento,
Que não senti afinal.
Temos, todos que vivemos,
Uma vida que é vivida
E outra vida que é pensada,
E a única vida que temos
É essa que é dividida
Entre a verdadeira e a errada.
Qual porém é a verdadeira
E qual errada, ninguém
Nos saberá explicar;
E vivemos de maneira
Que a vida que a gente tem
É a que tem que pensar.
(PESSOA, Fernando, 2002, p.102).

Na novela *A morte de Ivan ilitch*, Lev Tolstoi nos remete a uma experiência singular que se passa com o seu personagem. Em um tempo de proximidade da morte a descoberta de um novo homem, a irrupção de um outro homem que de alguma forma não era ele, mas poderia ter sido, que desejava ter sido. Essa possibilidade de ter podido viver uma outra vida lhe angustiava, pois tudo aquilo que viveu como sendo uma exigência de sua própria vida, agora se descortinava a sua frente como sendo apenas uma possibilidade, um caminho dentre vários outros, uma vida dentre muitas que poderia ter experimentado viver. E quanto mais pensava nisso, mais o duelo consigo mesmo intensificava-se, mais sua angústia lhe atormentava.

A relação que construiu com os outros, as coisas que atribuía valor, a carreira profissional, tudo que durante muito tempo constituiu seu interesse maior, levam-no a pensar sobre sua própria existência e o sentido da vida. Há sentido na vida ou a vida é um puro jogo do acaso que devemos jogar sem se perguntar pelo seu sentido? Como não ouvir o filósofo Albert Camus (1989) quando nos inquieta a pensar sobre o absurdo e o sentido da vida, ao considerar que antes a questão era descobrir se haveria algum significado para uma vida vivida, e que agora, ao contrário, a vida pudesse ser melhor vivida sem uma busca por significado? Mesmo frente a essa afirmação filosófica, a angústia de Ivan Ilitch ainda se mantém viva. O duelo travado consigo ainda habita seus pensamentos e faz pulsar seu coração, que pergunta: A autenticidade de uma existência é possível de ser justificada? Qual a sua justificação? Como viver da melhor forma uma vida? Esses questionamentos aproximam Ivan Ilitch de Sócrates, que no seu exercício filosófico de autoanálise e no momento de especulação da possibilidade de viver uma outra vida que não aquela dedicada à vida filosófica afirma:

Empenhei-me apenas em proporcionar a cada um de vós o que a meu ver constitui o maior dos benefícios, procurando convencer cada um a não se ocupar com seus negócios sem primeiro ocupar-se de si mesmo para tornar-se cada vez melhor e mais prudente, nem dos interesses da cidade em detrimento dela própria, e em tudo o mais seguir a mesma orientação. Talvez alguém me observe: Não podereis viver no exílio, Sócrates, quieto e sem falar? Se afirmar que talvez o maior bem do homem consista em passar os dias a conversar a respeito da virtude e de outros temas sobre os quais já me ouvistes discorrer, examinando outras pessoas e a mim mesmo, e que a vida sem esse exame não vale a pena ser vivida. (PLATÃO, 2001, p.139 - 141)

Próximo da morte, Sócrates deseja profetizar a seus acusadores e falar-lhes de um tempo ainda por vir e de uma herança que se fará presente em todos aqueles que em

vida dedicarem-se ao aperfeiçoamento da alma. Em sua profecia, afirma o valor e a autenticidade de uma vida filosófica traçada durante 70 anos sua existência. Profetiza Sócrates:

Se pensais que, matando alguém, impedis de aparecer quem vos censure por não viverdes bem, estais muito enganados. Pois essa maneira de livrar-se de censores nem é eficiente nem honrosa. Para qualquer pessoa, o modo mais nobre e fácil não consiste em incapacitar os outros, mas em esforça-se para tornar-se homem de bem. (PLATÃO, 2001, p.143-44).

No final de seu discurso, Sócrates deixa como herança o testemunho de uma autenticidade de vida como arte filosófica e sua profunda preocupação ética com a formação humana. Por meio de sua preocupação com a formação de seus filhos explicita a estreita relação existente entre filosofia e educação dos jovens atenienses.

E, contudo, só lhes peço uma coisa: Quando meus filhos crescerem, senhores, castigai-os e importunai-os como eu vos importunei, sempre que os virdes mais preocupados com riquezas ou com seja o que for do que com a virtude; e no caso de imaginarem ser alguma coisa, não sendo, de fato, coisa alguma, repreendi-os como vos repreendi, por não cuidarem do que devem e pensarem que têm algum valor, quando, realmente, nada valem. Se assim fizerdes, ter-me-eis tratado com justiça, a mim e a meus filhos. Mas, está na hora de nos irmos: eu, para morrer; vós, para viver. A quem tocou a melhor parte, é o que nenhum de nós pode saber, exceto a divindade (PLATÃO, 2001, p. 146-147).

Na vizinhança de um tempo de morte, Ivan Ilitch, também lança sobre si questões que por mais que buscasse explicar e compreender permaneciam inexplicáveis e incompreensíveis para o seu entendimento. Questiona uma vida repleta de trabalho, afazeres, atividades burocratas. Voltava-se contra si mesmo como se fosse um outro, como se nos vestígios de seu questionamento identificasse em si o desejo de ser outro, com outra vida, com novas relações, com diferentes experiências, enfim, Ivan Ilitch não se reconhece mais em si mesmo, sua vida é-lhe estranha. A proximidade da morte e a reverberação permanente de questionamentos sobre si mesmo produzem em seu coração uma experiência de estranhamento de si, uma sensação de não reconhecimento da vida que havia vivido, uma experiência de ruptura com sua identidade, enfim, um sentimento de rejeição de tudo aquilo que em vida lutou arduamente para construir e manter firme sobre permanente vigilância e apreço.

Diante da morte, Ivan Ilitch não se reconhece mais, algo de si se perdeu pelo caminho. A angústia em seu pensamento e a tragédia de sua existência consiste em pensar que o que havia perdido era sua própria vida. A única vida que poderia lembrar já não lhe fazia

mais sentido, descortinava-se frente aos seus olhos uma vida sem nobreza de propósitos e indigna de ser novamente vivida.

Se em *A morte de Ivan Ilitch* identificamos uma profunda análise filosófica de sua existência que permite colocar em questão a condição de liberdade e aprisionamento do homem moderno por uma vida que não justifica ser novamente vivida, na *Apologia de Sócrates* a morte do filósofo nos deixa como herança a atenção e o cuidado ético com a formação dos jovens e a autenticidade de uma vida justificada filosoficamente.

SOCRATES, IVAN ILYICH AND THE EXPERIENCE OF PHILOSOPHICAL THINKING

ABSTRACT: This present work aims to discuss the experience of philosophical thinking from the book “*The Death of Ivan Ilyich*” by Lev Tolstoy and “*Apology: Defence of Socrates*” by Plato. We can see in these books different conception of philosophical experience, that way, we discuss backdrop of the proximity analysis of death. Therefore, we find these two experiences, a philosophical thinking that turns problematizing the meaning of life in a time close of death. Ivan Ilyich experience lead us to deep philosophical analysis of his existence, allowing put in question the condition of freedom and imprisonment of modern man, while the philosophical experience of Socrates leaves us as an inheritance to their genuine ethics concern with young Athenians boys formation and the value of a life justified philosophically.

KEYWORDS: Socrates; Ivan Ilyich; Philosophical Experience.

SOCRATES, IVAN ILICH Y PENSAR EXPERIENCIA FILOSÓFICA

RESUMEN: Este artículo discute la experiencia del pensamiento filosófico del libro *La muerte de Iván Ilich* por Lev Tolstoi y la *Apología de Sócrates* de Platón. Con diferentes estilos, estos escritos abordan el tema de la experiencia filosófica, que el horizonte de análisis proximidad de la muerte. Por lo tanto, nos encontramos con estas dos experiencias, una reflexión filosófica que se vuelve a cuestionar el sentido de la vida en un momento de la muerte inminente. La experiencia Ivan Ilich dirige a un análisis filosófico profundo de su existencia, lo que permite poner en duda la condición de la libertad y la prisión del hombre moderno, mientras que la experiencia filosófica de Sócrates nos deja como herencia a su auténtica preocupación ética con la formación los jóvenes atenienses y el valor de una vida justificado filosoficamente.

PALABRAS CLAVE: Sócrates. Ivan Ilich. Experiencia filosófica.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, P. Alienação a auto-imolação em Ivan Ilitch. *Fragmentos*. Florianópolis, n. 38, jan./jun., 2010, p.137-149.

CAMUS, A. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

PESSOA, F. *Cancioneiro*. Ciberfil Literatura Digital, 2002. Disponível em:<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000003.pdf>> Acesso em: 20/05/2015.

PLATÃO. *Diálogos: o banquete e apologia de Sócrates*. Tradução, Carlos Alberto Nunes. 2.ed. rev. Belém: EDUFPA, 2001.

TOLSTÓI, L. *A morte de Ivan Ilitch*. Tradução, Boris Schnaiderman. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

Recebido em março de 2016.

Aprovado em agosto de 2016.